

HOMILIA

Peregrinação jubilar
Basílica de São Pedro, 25 de outubro de 2025

Queridos irmãos e irmãs:

Vivemos um momento de graça. Intenso e de grande beleza. Estamos reunidos em torno do túmulo de São Pedro, nesta peregrinação jubilar, como Igreja que reforça a sua comunhão na fé e no amor e que, portanto, se sente chamada a dar razão da sua esperança. O texto da *Carta do Apóstolo São Paulo aos Romanos* (Rom 5,1-5), que acabamos de ouvir, incide em três aspectos fundamentais para a nossa vida cristã:

1. *Fomos salvos*. E esta realidade concretiza-se numa tripla perspectiva:

- todo pecado pode ser perdoado, cancelado, porque a misericórdia, o amor de Deus para connosco não tem limites, basta aceitar esta oferta de amor e liberdade;
- a morte está vencida e já não tem a última palavra, somos chamados à vida em plenitude e por isso optamos pela vida e pela sua dignidade, sempre, em qualquer circunstância;
- fomos feitos filhos de Deus. Esta é a grande notícia: do nada, que somos, passamos ao tudo, que nos é oferecido. Por isso, a felicidade plena que almejamos apresenta-se não apenas como possível, mas realizável. Daí o otimismo cristão.

2. *O centro é Cristo*. É para ele que devemos olhar.

- Não há outro caminho, outra salvação, outra plenitude senão em Cristo e a partir de Cristo. Por isso não basta conhecê-lo pelo que lemos ou nos disseram. Não é uma ideia nem uma norma, uma referência distante, mas uma pessoa viva. O nosso conhecimento deve ser experiencial, vital: experimentamos a realidade de Cristo. Assim, todo cristão, que participa do Ressuscitado, o conhece e dá testemunho. Como nos diz Santo Agostinho, o cristão é Cristo (cf. *Tratado sobre o Evangelho de São João*, 21, 8). Devemos, portanto, mudar os nossos sentimentos, desejos, aspirações, a nossa visão do mundo, para assumir e identificar-nos com a de Cristo Jesus, com os critérios do Evangelho.
- Mas não há Cristo sem Igreja, nem Igreja sem Cristo. Somos comunhão. Isto só é possível se o eixo da nossa vida cristã for o amor, que nos identifica. No amor, que nos une, as diferenças, a variedade eclesial, apresentam-se então como riqueza. Não mais trincheiras ideológicas, não mais egoísmo, não mais solidão individualista e destrutiva. Somos Família de Deus.

3. *O dinamismo da fé e do amor impele-nos à missão*.

- Estamos inseridos neste mundo, vivemos numa sociedade concreta. O Verbo faz-se carne, o Evangelho entra na história. Não se trata de um espiritualismo evanescente. É preciso pisar a terra, conhecer a nossa época, escutar os seus gritos, perguntas e inquietações. Acompanhar o nosso passo ao dos nossos irmãos e irmãs necessitados.
- Dar testemunho de Cristo, certamente, pode causar-nos dificuldades, tribulações. Porque devemos sair das nossas comodidades e seguranças para nos pormos a caminho; porque chocaremos com os critérios que regem em grande medida o nosso mundo e que o envolvem

em sombras de morte e infelicidade; e porque nos pedem que nos deixemos guiar pelo amor verdadeiro, quando o egoísmo continua a ser ainda muito forte em nós.

- A missão implica fazer caminho juntos. Não basta "dizer" aos outros, e tampouco "fazer" para os outros: É necessário "ser" com os outros, ir até eles, sentir com eles. Escutar juntos a voz de Deus, para discernir e agir como comunidade cristã. Este é o nosso desafio.

Queridos irmãos e irmãs, o texto da *Carta aos Romanos* termina falando da paciência, esse padecer que produz esperança. Se formos capazes de assumir as dificuldades e confiar no Espírito, que faz a sua obra, veremos que o processo sinodal, apesar dos limites, ou do desigual envolvimento, está a dar na Igreja evidentes frutos de enorme esperança. Sigamos em frente, em nome e com a ajuda do Senhor.

+ Luis Marín de San Martín, O.S.A.

Subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo